



# QUADRI- CULTURA, A HISTÓRIA DE UM PROJECTO

## Quadricultura

*“E como nasceu a Quadricultura?”*

Esta era uma pergunta colocada por alguns órgãos de comunicação local, passados alguns anos de actividade, e que nos fazia rir. Não pela pergunta. Mas pelo facto de seis, sete ou oito anos após a afirmação das “Cestas de Cultura” e do “Jazz AlémTejo”, como projectos culturais, a associação ainda não ser do conhecimento desses mesmos órgãos.

Este é um espaço diferente. E talvez por isso, o desafio da Cena’s de um testemunho escrito para memória futura. Com um grande sorriso, porque gratos pelo convite, e com um enorme orgulho de escrever sobre nós como associação, sobretudo para contarmos como nascemos há onze anos e como funcionamos há dez.

Os factos remontam a 2000. Na ressaça da programação de um evento realizado em Santo André – a Arte Imagem. Uma Mostra sobre Artesanato e Artesãos que decorreu no Parque Central em Vila Nova de Santo André. Na altura, a CMSC (organizadora daquele evento) desafiou o Rangel para fazer a programação musical (complementar) do evento. Em consequência, este convidou um conjunto de amigos que o ajudassem na produção do conjunto de concertos que se realizaram. E foi durante este evento, pela abordagem

dos espectadores - «Esta dinâmica só vai acontecer aqui, na Arte Imagem? E depois? Porque é que vocês não continuam?» - que constatámos a manifesta necessidade das pessoas se reunirem para assistir a concertos..

Estava lançado o desafio. E em 2001 nasce o projecto da constituição de uma associação que materializasse uma programação sistemática de eventos. Um falou com o outro, o outro com outro e após uma primeira reunião de quatro amigos, o projecto concretiza-se.

Já havia o GATO SA, ligado ao teatro. No ensino, na produção própria de espectáculos e na divulgação, sobretudo através da Mostra de Teatro de Santo André. Então, sem repetições, sobreposições e/ou outro tipo de colagens, que espaço devíamos nós ocupar no campo da programação cultural?

Foi nesta “digestão” que surgiram quatro vectores possíveis e não existentes, numa forma sistematizada: a realização de eventos musicais; espaço de discussão e debate; encontros literários; espaço de outras artes performativas (ex.: dança, magia..).

Quatro amigos, quatro vertentes de programação cultural. Melhor era difícil. Está encontrado o nome para a organização que vai materializar os novos projectos culturais – Quadricultura. Mais tarde a Conservatória, rebaptizou-nos e ficámos Quadricultura Associação. Vai dar no mesmo, só somos conhecidos pelo nome, pouco pelo apelido.

Ok e agora? Temos público, temos

ideias, temos projecto. E quem o garante? Como se sustenta?

Não bastava a ideia inicial para o projecto. Era preciso criar-lhe as raízes de sustentabilidade. Dar-lhe filosofia e personalidade. Um projecto, para se sustentar (o sucesso vem depois), tem que basear-se em pressupostos que o garantam. Um projecto suficientemente forte para ser sujeito à aprovação de um parceiro com capacidade de o financiar. Só com a bilheteira, a coisa não ia lá. Não estamos em Lisboa (e mesmo aí...)

Apesar da manifestação de vontades de assistir a espectáculos, as coisas têm que ser bem feitas para ter adesão constante. Só vontade não chega. Há que criar “rotinas” e “alimentar” as vontades. No fundo, há que criar públicos.

Então que ingredientes ou componentes (alguns chamam-lhe segredos) deveria ter o projecto de programação? Que identidade?

Foi neste debate interno (a quatro) que nos surgiram as respostas: programação sólida e de qualidade; realização dos eventos num local fixo; programação sistemática (sem interrupções); os espectáculos pagos, ainda que a preços acessíveis. Mais uma vez o signo do quatro.

E para estas componentes havia que responder com substância.

Programação: tinha que ser variada, dentro dos quatro vectores, mas sabíamos à partida que a música seria o mais eficaz para galvanizar o projecto.



## Quadricultura e os projectos

### Cexas de Cultura:

Um projecto sem limites que, da música à dança, das conversas à stand-up comedy, da magia ao teatro, convida os mais e menos conhecidos do país e estrangeiro. Dos consagrados aos debutantes. Não há primeiras nem segundas linhas. Há os melhores, desde que os projectos sejam bons.

E na música não há estilos de preferência. Há música. Da tradicional e popular portuguesa, à erudita, da música de Cabo Verde à de Angola, do fado à música coral, do tango à música de Paredes, do flamenco ao rock, do café-concerto ao Requiem de Mozart.

E muita “prata da casa” para 3 evocações à obra de Zeca Afonso de parceria com a AJAGATO e ADECLA.

### Jazz Aléntejo:

O objectivo é que seja um encontro internacional de jazz. Que nele se reúnam músicos, estudiosos e conhecedores do jazz e que por ele se “curtam” grandes jam sessions. Onde nunca faltam os blues, as orquestras e o jazz after-hours em sessões de bar pela noite dentro. E mais exposições, sessões de conversa, mostras documentais e oficinas práticas para jovens músicos. Por aqui têm começado carreira alguns dos actuais bons músicos de jazz do país. Dos melhores nacionais a outros do mundo. Começou ibérico e já tivemos norte-americanos. Acontece nos dois últimos fins-de-semana de Outubro.

### Escola DeltaMúsica:

Dos 8 aos 88, para aprender guitarra clássica, eléctrica e portuguesa, piano, saxofone, flauta transversal e adivinha-se o acordeão. E outros instrumentos para, até agora, 30 alunos interessados na aprendizagem da música. Um projecto em constante evolução e crescimento, um ano após o começo.

### Os convidados:

São muitos os amigos que fizemos e continuamos a fazer. Não há espaço, aqui, para referir todos. Seria injusto falar de uns e não de outros. Entre consagrados e os que estão no início de carreira (esta é também uma das nossas missões), são uma boa constelação. Vejam a galeria em [www.quadricultura.net](http://www.quadricultura.net)

tecto máximo. No entanto, todos os artistas convidados tinham que receber no dia do espectáculo. Sem excepção. Ah! E outra coisa: os espectáculos começam impreterivelmente às 22:00 horas (não as dos outros, as do TMG). E muito importante, toda a equipa de produção (programadores, apoio de produção, técnicos de som e luz) janta com os artistas antes de cada evento. Onde se fala de tudo menos dele. É aqui que começa o espectáculo. Por isso cada um é preparado numa forma amadora (leia-se com amor à causa), onde todos os pormenores contam. Da recepção dos artistas ao abraço final de despedida. E sabem o que significa quando se abraça alguém que só se conheceu seis horas antes?

Onze anos depois ainda é assim, cada espectáculo é preparado como se fosse o primeiro, e tudo tem que dar certo; ou como se fosse o último, e tem que ficar na memória.

Depois veio o Jazz Aléntejo (2005), a constituição e formalização dos primeiros órgãos sociais (Assembleia Geral, Direcção e Conselho Geral) em 2007, a criação da primeira sede social (formal) em 2010, junto com a Escola de Música DeltaMúsica, em instalações disponibilizadas propositadamente em duas salas independentes do edifício do mecenas privado, a empresa DeltaBox. Mais um conjunto de empresas que, reconhecendo o projecto Quadricultura, nos vão apoiando financeiramente. E onze anos de amizades e cumplicidades e um batalhão de amigos do Minho ao Algarve, Madeira, Açores, e do resto do mundo. A cada convidado da Quadricultura que entra,

é um amigo que sai, que conta ao outro e ao outro e assim sucessivamente.

Dez anos para 104 espectáculos num total que supera os 16700 espectadores.

Onze anos de história e dez de programação cultural, depois da criação do projecto, com a primeira programação das Cexas, em 16 de Novembro de 2001, com o grupo “Brisas”. Continuamos da mesma forma, amadores até aos ossos. Com a mesma paixão e determinação de início, a de criar eventos culturais em que artistas e público partilhem emoções conjuntas.

Começámos quatro, hoje somos muitos. Dirigentes, equipa programadora e produtora (que se reforça em função dos projectos), sócios, equipa técnica (luz e som), público, artistas convidados – a mesma ligação – amigos. Onde não se disputam lugares, méritos ou deméritos. Com um único objectivo: o espectáculo tem que correr bem, ponto!

Há dias, um convidado perguntou-nos como é que funcionamos como associação. Onze anos depois? Da mesma forma: carne ou peixe, tinto, branco e no final cada um paga o seu. Se for sábado no dia seguinte, aí pode haver digestivo. Então se houver medronho ... não é, Mané?

A Quadricultura nasceu de vontades e de necessidades da população e era a elas que deveria ser entregue. E assim foi. E assim gostaríamos que continuasse a ser. E é por isso que a Quadricultura já não pertence aos seus fundadores, pertence aos sócios e à população que assiste e apoia os nossos projectos e serão eles a marcar-lhe o destino. O resto é história.